



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Há montes que transfiguram... outros desfiguram!

Há os que onde nos podemos deliciar, mesmo que com medo, da luminosidade e da resplandência dos rostos, do ser e do agir, outros que apenas nos fazem prostrar receosos de rosto por terra, numa tentativa de fuga à originalidade que nos é proposta! Há “lógicas” escandalosas!

Há montes onde o silêncio é de escuta e outros onde a escuta é ruidosa, por “cruzamento de linhas” ou sobreposição de “emissoras”: é uma questão de sintonia, onde não existem “ondas curtas” ou “ondas médias”, mas apenas a onda do coração que progressivamente se vai sintonizando com as “ondas” da “emissão” de Deus.

Montes existem, repletos de vozes, onde as palavras proliferam como se cogumelos se tratassem, vozes “fiadas” e “afiadas”, “afiadoras” mesmo, que “afiam” e aguçam sentimentos, tantas vezes desumanos e desencarnados de um ser feito imagem e semelhança de um Criador. Muitos são os canais que se dizem de comunicação, que comunicam, não poucas vezes, o incomunicável, apenas espalhando a cizânia num campo que é de trigo.

Há montes com papéis aos montes, uns com e outros sem capa, microfones e vias abertas onde se apregoa “peixe” aos mais diversos preços, vozes que se dizem de rádio e de televisão, mas que não passam de sons em jeito de entretenimento! E toca a tocar cornetas! Todos querem “vender” o seu ponto de vista e oferecer as melhores propostas num mercado onde nada é gratuito e a qualidade é, decididamente, duvidosa; Todos querem que seja a sua palavra a vingar e, lá no cimo da Montanha, no silêncio do ser discípulo, resplandece o “Filho muito amado”, transfigurando-Se para transfigurar e onde ecoa o convite para a sua escuta.

E o que escutamos? A quem damos ouvidos?

Esvai-se a esperança e cada vez mais ficamos desiludidos com as humanas palavras, tantas vezes ocas e carentes de sentido e de vida e, já não há “voz” que nos valha, mesmo que mude o apresentador: o problema não é de apresentação mas de conteúdo. O homem deste tempo foi se transfigurando num emaranhado de dúvidas, desconfianças e incertezas, deixando-se iluminar por luminosidades de baixa e fraca intensidade, quando a transfiguração é algo de muito mais profundo e interior. Falta, ao fim ao cabo, Palavra! E, se “palavras leva-as o vento”, a Palavra só é levada pela vida, e nesta permanece porque provém do Muito amado!

Mas a montanha é tentadora! Tenta-nos a permanecer no quentinho, no choco interior que nos protege do gelo de uma humanidade cheia de letras mas que não consegue formar palavras, cheia de palavras que não geram frases; cheia de frases que não produzem vida. Mas é tão bom estarmos aqui! Ah, pois é! A montanha não é para se ficar, mas sim para ser descida: descer para a terra onde se habita! A transfiguração acontece para que desçamos, para que saíamos do comodismo passivo das palavras e passemos para a “inquietação” da vida.

Gente que escuta transfigura-se e gente transfigurada desce do monte!

“É tão bom estarmos aqui...” ...aqui, no mundo e na vida real!

Montes não faltam! Falta apenas o da Transfiguração!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

II DOMINGO DA QUARESMA

Ano A

1ª Leitura

Génesis 12, 1-4a

Vocação de Abraão, pai do povo de Deus

2ª Leitura

2 Timóteo 1, 8b-10

Deus nos chama e ilumina

Evangelho

São Mateus 17, 1-9

«O seu rosto ficou resplandecente como o sol»

A Palavra de Deus neste segundo Domingo da Quaresma, define o caminho que o verdadeiro discípulo deve seguir: é o caminho da escuta atenta de Deus e dos seus projectos, da obediência total e radical aos planos do Pai.

O Evangelho relata-nos a transfiguração de Jesus. Recorrendo a elementos simbólicos do Antigo Testamento, São Mateus apresenta-nos uma catequese sobre Jesus, o Filho amado de Deus, que vai concretizar o seu projecto libertador em favor dos homens através do dom da vida. Aos discípulos, desanimados e assustados, Jesus diz: o caminho do dom da vida não conduz ao fracasso, mas à vida plena e definitiva. Segui-o, vós também. Pela transfiguração de Jesus, Deus revela-nos que uma existência feita dom não é fracassada - mesmo se termina na cruz. A vida plena e definitiva espera, no final do caminho, todos aqueles que, como Jesus, forem capazes de pôr a sua vida ao serviço dos irmãos. Na verdade, todos temos alguma dificuldade em perceber esta lógica. Para muitos, a vida plena não está no amor levado até às últimas consequências, mas sim na preocupação egoísta com



os seus interesses pessoais, com o seu orgulho; não está no serviço simples e humilde em favor dos irmãos, mas no assegurar para si próprio uma dose generosa de poder, de influência, de autoridade e de domínio, que dê a sensação de pertencer à categoria dos vencedores; não está numa vida vivida como dom, com humildade e simplicidade, mas numa vida feita um jogo complicado de conquista de honras, de glórias e de êxitos. A transfiguração de Jesus grita-nos, do alto daquele monte: não desanimeis, pois a lógica de Deus não conduz ao fracasso, mas à ressurreição, à vida definitiva, à felicidade sem fim.

Na primeira leitura é-nos apresentada a figura de Abraão. Abraão é um homem de fé, que vive numa constante escuta de Deus, que sabe ler os seus sinais, que aceita os apelos de Deus e que lhes responde com a obediência total e com a entrega confiada. Nesta perspectiva, ele é o modelo do crente que percebe o projecto de Deus e o segue de todo o coração.

Na segunda leitura, há um apelo aos seguidores de Jesus, no sentido de que sejam, de forma verdadeira, empenhada e coerente, as testemunhas do projecto de Deus no mundo.

SABIAS QUE...



... a Reconciliação é um dos sete Sacramentos da nossa fé? Neste tempo da Quaresma, tempo em que somos convidados a nos prepararmos interiormente para a vivência dos mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo, o Sacramento da Reconciliação assume, ainda, maior relevância e importância neste processo de renovação, reconversão que somos desafiados a viver e, também, para uma vivência plena dos restantes Sacramentos. Erradamente resumido, muitas vezes, ao acto da confissão dos pecados ao sacerdote, o Sacramento da Reconciliação deverá ser entendido como um sacramento de cura e alegria. Cura porque com este Sacramento

procuramos a cura para a nossa alma, para o nosso íntimo, reconhecendo e arrependendo-nos de algo de mal que cometemos ou realizamos; e de alegria dado que, através dele, recuperamos a “alegria e a paz que traz a amizade com Deus, um dom que só o pecado é capaz de roubar às almas dos cristãos”. Neste sentido, para uma boa vivência deste Sacramento, o mesmo deverá respeitar 4 fases: exame de consciência, no qual deveremos colocar-nos, de forma verdadeira, perante Deus e reconhecer o que nos está a afastar Dele nas nossas obras, actos e pensamentos; a contrição ou arrependimento, a qual terá de corresponder a uma vontade genuína de não voltar a cair nas mesmas falhas; a confissão, momento em que, perante o Sacerdote que em nome de Deus nos concederá o perdão dos nossos pecados, confessamos e indicamos, de forma clara, as nossas falhas perante Deus; e, por fim, a satisfação ou cumprimento de penitência, fase, geralmente associada à realização de oração que contribuirá, ainda mais, para a nossa aproximação a Deus. Assim, nesta Quaresma, vivamos, de forma sincera, o Sacramento da Reconciliação olhando para Deus como o filho pródigo que vê no seu Pai um Pai de eterna Misericórdia.

POR CÁ

Entrega dos símbolos da JMJ adiada para 22 de Novembro



O coordenador-geral para o sector logístico-operativo da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2022, em Lisboa, anunciou esta semana que a entrega dos símbolos desta iniciativa da Igreja Católica foi adiada para 22 de Novembro.

“A entrega dos símbolos, a transição de Panamá para Portugal, vai acontecer no fim-de-semana de 22 de Novembro, quando acontece a solenidade de Cristo-Rei, de maneira que, até lá, se Deus quiser, a situação internacional de saúde pública possa estar estabilizada”, explicou D. Américo Aguiar aos jornalistas.

A cerimónia de passagem dos símbolos da JMJ do Panamá, que acolheu a edição de 2019, para Portugal estava prevista para o próximo dia 5 de Abril (Domingo de Ramos), no Vaticano.

A Cruz e o Ícone de Nossa Senhora, símbolos da JMJ, foram entregues pelo

Papa João Paulo II aos jovens em Abril de 1984 e marcaram o início de uma peregrinação da juventude de todo o mundo; antes da edição internacional de 2022, irão passar por todas as dioceses portuguesas, incluindo os Açores e Madeira e vários países lusófonos.

Já foram também escolhidos os vencedores dos concursos do “logo” e do hino da Jornada da JMJ 2022, os quais estão a “ultimar as propostas”, em articulação com as indicações que chegam do Vaticano, como aconteceu nas jornadas anteriores. Na competição internacional que escolheu o símbolo gráfico do evento participaram mais de 500 candidatos, provenientes de 30 países dos cinco continentes; para o concurso que escolheu a canção oficial da JMJ, aberto apenas a portugueses, o Comité Organizador Local validou 85 candidaturas.

POR LÁ

Papa convida todos os jovens para encontro em Lisboa

O Papa convidou os jovens católicos para a Jornada Mundial que vai ter lugar em Lisboa, no Verão de 2022, evocando a história missionária de Portugal.

“Como destino da vossa próxima peregrinação intercontinental, em 2022, escolhi a cidade de Lisboa, capital de Portugal. De lá, nos séculos XV e XVI, inúmeros jovens, incluindo muitos missionários, partiram para terras desconhecidas a fim de partilhar a sua experiência de Jesus com outros povos e nações”, refere Francisco, numa mensagem divulgada pelo Vaticano.

O texto recorda o tema escolhido para Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2020, que este ano é celebrado a nível diocesano, maioritariamente no Domingo de Ramos: ‘Jovem, Eu te digo, levanta-te!’.

Em 2021, o tema será ‘Levanta-te! Eu te constituo testemunha do que viste!’; já o tema da JMJ de Lisboa, em Lisboa, será ‘Maria levantou-Se e partiu apressadamente’ (Lc 1, 39).

As JMJ nasceram por iniciativa do Papa João Paulo II, após o sucesso do encontro promovido em 1985, em Roma, no Ano Internacional da Juventude.

Na sua mensagem para a jornada de 2020, Francisco desafia as novas gerações a ver uma realidade que vai para além do virtual.

Hoje muitas vezes há ‘conexão’, mas não comunicação. Se o uso dos aparelhos electrónicos não for equilibrado,

pode levar-nos a ficar sempre colados a um ecrã”.

O texto lança aos jovens o desafio de “uma viragem cultural”, a partir da mensagem de Jesus.

“Numa cultura que quer os jovens isolados e debruçados sobre mundos virtuais, façamos circular esta palavra de Jesus: ‘Levanta-te’. É um convite a abrir-se para uma realidade que vai muito além do virtual”, pode ler-se.

Francisco sublinha as “paixões” e “sonhos” dos mais novos, que podem ajudar a sociedade e a Igreja, “no campo espiritual, artístico e social”.

“Deixai que vo-lo repita na minha língua materna: ‘hagan lío’, fazei-vos ouvir!”, acrescenta.

Na mensagem, Francisco recorda o Sínodo dos Bispos dedicado aos jovens sobre o tema “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”, em 2018, afirmando que através dele a Igreja Católica lançou um processo de reflexão sobre a situação dos jovens no mundo atual.

A JMJ realiza-se, anualmente, a nível local (diocesano) no Domingo de Ramos (ou em data a definida por cada diocese), alternando com um encontro internacional a cada dois ou três anos, numa grande cidade.

As edições internacionais destas jornadas promovidas pela Igreja Católica são um acontecimento religioso e cultural que reúne centenas de milhares de jovens de todo o mundo, durante cerca de uma semana.

ENTRE NÓS...

No correr dos dias, mais um ano se passou e estamos, novamente, mergulhados no tempo litúrgico da Quaresma. Para nós, cristãos, este é um tempo desafiante em que somos convidados a nos preparar para uma vivência plena, esclarecida e com toda a disponibilidade da semana maior da nossa fé, na qual viveremos os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

Este é, pois, um tempo em que toda a liturgia nos conduz para um caminho que, caso não tenha sido feito ao longo do ano, deverá ser, agora, assumido: um caminho de análise interior, um caminho de auto reflexão e de conversão. Esta reflexão passará, invariavelmente, por um olhar humilde para o que de mais íntimo temos em nós: as nossas fragilidades, as nossas falhas, o nosso pecado.

Existirão caminhos mais fáceis, contudo, num mundo e num tempo em que tudo é imediato e se resume, muitas vezes e apenas, à busca pelo prazer rápido e efémero, este é um caminho que ganha, cada vez mais, sentido.

Nesta análise interior e, particularmente, nesta Quaresma de 2020 seria interessante debruçarmo-nos sobre todo o percurso do Deus que se fez Homem e que se fazendo Homem, também Ele, sentiu necessidade de se afastar, de ir em busca do Seu caminho, de ir



e fazer o Seu percurso no deserto para, depois, enfrentar e viver a Sua Paixão, Morte e Ressurreição, conseguindo, assim, dar substância e estrutura a toda a nossa Fé Cristã.

E é, neste percurso, que o nosso Deus de Amor mostra, também, o caminho para a verdadeira vida. Vida, esta, que não se dissocia do dom que nos é dado com a nossa geração, o dom da vida! Assim, neste ano de 2020, nós, cristãos portugueses, temos, ainda, mais um de-

safio, o desafio da valorização e da defesa do dom da vida! Mais que nos retermos em disputas políticas sobre leis que derivam do regime democrático do nosso país e que, infelizmente, parecem conduzir à facilitação da morte medicamente assistida ou da eutanásia, mais que até tentar referendar o dom da vida, nesta Quaresma de 2020, a defesa intransigente da vida tem de passar pela nossa conversão, pela nossa transformação de cristãos de lindas palavras

em cristãos de obras e obras efectivas! A defesa da vida faz-se acompanhando os nossos avós, os nossos pais, os nossos amigos e mesmos aqueles que nem conhecemos muito bem na sua velhice, na sua doença, mostrando o quanto os amamos!

A defesa da vida, pelos cristãos, passa por assumir que o sofrimento é uma dimensão da vida de cada um e que com o amor dos irmãos, com o amor de Deus pode ser e é ultrapassado!

A defesa da vida, pelos cristãos, mais que condenar aqueles que pensam diferente de nós e que, por alguma razão, acreditam que a morte é a sua única saída, faz-se apresentando-se a esses o nosso Deus de Amor, o Deus de Misericórdia, o Deus de vida, o Deus que apresenta a Ressurreição como a verdadeira vida, o Deus que, mostrando que a Sua Paixão e Morte eram necessárias, as venceu com a vida abundante da Ressurreição, o Deus que não se ficou pela Sexta-feira Santa, mas apresentou o Domingo da Ressurreição como verdadeira recompensa para todos!

Sejamos, pois, neste caminhar quaresmal, cristãos convertidos, de palavras, de obras e cheios de Amor e de vida de Deus, pois é este o Amor que tudo transforma, que tudo salva!

Hélder Almeida